ANNO II — Lisboa — 28 de janeiro de 1903 — NUMERO 5

O ACADEMICO

SEMANARIO ILLUSTRADO

ASSIGNATURAS
1 mez..... 100 réis
3 mezes..... 300 »
Numero avulso 30 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
11 — LARGO DO CAMÕES — 4.º
LISBOA

IMPRENSA LUCAS
93 — Rua do Diario de Noticias — 93
Editor — Candido Chaves

TUNA
ESCOLA
LI

FRATERNIDADE ACADEMICA

Quem ao ver passar um grupo de estudantes, ouve os estrepitosos gritos de *viva a fraternidade academica*, mal poderá crêr que é talvez na academia o meio em que melhor fica provado o velho rifão : *o nosso peior inimigo é o official do mesmo officio.*

Ha muito que vivemos na academia e nunca, mas nunca, vimos a academia unir-se a valer para uma causa justa. Temos assistido a muitas iniciativas boas, mas ate hoje, todas teem sossobrado por circumstancias varias, mas todas de tão grande importancia que provam bem que entre nós existe *uma grande fraternidade academica.*

Na coisa mais simples, no acto mais insignificante, ha quem se julgue desconsiderádo, melindrado e muitas coisas mais, e afinal a unica causa do despeito ou do melindre é a falta da decantada fraternidade academica.

No meio academico *pullulam os grandes talentos*, de forma que, como a tal *fraternidade* é sempre acompanhada d'uma *grande modestia*, não podem esses previligiados consentir que algum collega ascenda a qualquer logar que elles desejavam e então, ainda por causa ou tal *fraterdidade academica* tratam de os *coadjuvar.*

E' assim que a fraternidade academica existe entre nós, e ainda agora os factos ultimamente passados entre a Academia de Coimbra e a Academia do Porto veem provar a veracidade das nossas affirmações.

Os estudantes de Coimbra guardarão, provavelmente, indelevel recordação da *tamanha* prova da existencia da fraternidade academica que os estudantes do Porto lhe acabam de dar.

E, pois, que estas provas de *fraternidade academica* se vão succedendo todos os dias com uma sceleridade de pasmar não nos parece errar muito, affirmando que a academia é a propria culpada de todos os dissabores e desconsiderações porque tem passado.

Unissem-se bem os estudantes, tivessem uma direcção séria legalisada por meio d'uma associação academica, legalmente constituida e ver-se-hia como a academia passava a ser uma aggremiação respeitada e estimada por todos quantos olham com cuidado para o dia de amanhã.

«O ACADEMICO»

O ACADEMICO encontra-se á venda em Lisboa, na Galeria Monaco, nas tabacarias Neves, no Rocio, e Marques, na rua do Ouro.

Dr. José Maria Rodrigues

Apresentando hoje no nosso modesto jornal o retrato do dr. José Maria Rodrigues, não queremos fazer-lhe a biographia porque o espaço de todo o jornal não a comportaria nem nós dispomos dos dotes indispensaveis para escrever a respeito d'um homem da envergadura intellectual e moral do exreitor do Lyceu de Lisboa. Mas se por um lado luctamos como a propria consciencia que nos segreda não estarmos em circunstancias de tão grande commettimento por outro lado o sentimento da justiça impõe nos o dever de não esquecermos o nome do dr. Rodrigues desde o momento em que nos impozem s o dever de aqui publicar os retratos das pessoas que teem trabalhado em prol da instrucção. E d'entre estes, sem duvida alguma, figura o nome do dr. José Maria Rodrigues.

Perdõe-nos, pois, o nosso atrevimento.

Ha sete annos quando o dr. Rodrigues veio dirigir o lyceu de Lisboa já se esperava do seu muito saber e da sua provada competencia que dirigisse o primeiro instituto de instrucção secundaria do paiz com superior criterio mas, o que ninguem ainda calculava era que aquelle previligiado conseguisse dirigir o lyceu por fórma tão extraordinaria que agradasse a professores, discipulos e a paes. Isto é que, é sem duvida um caso virgem.

E que elle deixou sinceros e dedicados amigos no Lyceu de Lisboa provam-n'o bastamente as representações feitas por estudantes, paes e professores quando o dr. José Maria Rodrigues teve que deixar de gerir o lyceu central de Lisboa. Mas, o valor e a excepcionaes qualidades scientificas do dr. Rodrigues não ficaram provadas agora depois da sua passagem no lyceu d'esta cidade, datam de mais longe, ainda elle era estudante quando teve a celebre discussão com o inolvidavel escriptor Camillo Castello Branco. Então o dr. José Maria Rodrigues houve-se de tal fórma a discutir com o talento de Camillo que este terminou mais tarde por lhe fazer elogios.

Como estudante, escusado seria referil-o o dr. Rodrigues foi distincto entre os distinctos, e no seu tempo houve verdadeiros talentos.

Como homem não pode haver mais são do que este. Basta referir a fórma como elle adora sua mãe e a fórma como elle tratava as creanças que se agglomeravam no lyceu durante a sua permanencia n'aquelle estabelecimento.

Assim, pois, podemos apresentar dr. José Maria Rodrigues como um benemerito de instrucção ; e terminaremos pedindo-lhe que nos desculpe porque se qualquer lhe escreveria melhor a biographia ninguem a faria com mais sinceridade.

Dr. José Maria Rodrigues

MALGRE TOUT

A A. FIGUEIRA

N'um sonho todo luz, todo grandeza
Lhe involvo o ser por uma forma tal
Que eu não conheço outra mulher igual
Que torne est'alma acorrentada e presa.

Tem o fidalgo orgulho de princeza
N'um pequenino corpo esculptural.
E' ella que me anima, me faz mal,
Povoando-me a vida d'incerteza.

Sinto-me endoidecer quando ella falla,
Por ella eu rio e choro... Os nervos gastos
Esucam-se de vibrar [illegible]
cumprimido suavemente, muito suavemente a'é deixal-a triste sem ver de quê...

Depois do baile saiu do *club* com a amiga. Virando-se á porta, antes de pi-

O DECIMO SEXTO ANNIVERSSARIO

(A' Resemonde).

Um anno que passou ! N'essa quadra da vida
Da mansão da existencia ainda o limiar,
Só vemos ante nós a estrada secular,
Muito longa a sorrir, de mil rosas florida !
Dizes : — Que bom, mais um ! — Oh ' pensa bem, querida,
E' tambem menos um que temos para amar !

Sete Rios — Janeiro de 1903.

JORGE DE CASTILHO

Escola Medica Cirurgica de Lisboa

Estando a debater-se novamente, a reforma do estudo secundario, o eterno assumpto que tanto tem feito pensar a todos que se interessam pela nossa instrucção, parecia-nos ser tambem de de justiça que se dignassem dedicar alguma attenção para os cursos superiores.

Com o significativo nome de lente demonstrador possue a escola Medica de Lisboa um membro do seu corpo docente, cujas atribuições, deviam ao que parece, differençar-se da dos collegas ; sendo elle quem ensinasse os alumnos a dissecar, a manejar um escalpelo visto na aula theorica tal não se fazer e obrigar-se o alumno no acto final a uma prova pratica.

Tentou o conselho da escola, crear, um anno, as taes aulas praticas regidas pelo referido lente demonstrador mas, como houvesse accumulação de serviço devido ao desdobramento permittido pelo governo da cadeira de anatomia e sendo-lhe dado reger esta nova cadeira resultou que nesse mesmo anno as aulas não chegarem até ao fim do anno, e d'ahi por deante até hoje não se pensar mais nas tão necessarias aulas praticas.

Não seria melhor uma vez, que o governo faculta todos os annos com sua auctorisação o desdobramento do cadeira de anatomia, naturalmente porque o acha neccessario, criar deffinitivamente a cadeira do 2.º anno de anatomia para a qual seria nomeado um professor ficando o lente demonstrador com as suas funcções com o que lucrariam immenso os alumnos. Não criou o governo na Escola Polytechnica repetidores para ensinar praticamente o que os alumnos aprendem nas aulas theoricas ?

Não seria egualmente util a creação d'esses logares na escola medica ?

Com que direito, perguntamos, se exije nas provas finaes, que o alumno saiba dissecar se nunca teve professor algum que o ensinasse, resultanto muitas vezes ficar o alumno reprovado tendo satisfeito plenamente á parte theorica ?

E isto que á primeira vista parece phantastico tem-se dado e por isso poderá talvez o sr. ministro do Reino obstar a que estes factos se repitam, creando a cadeira a que alludimos.

AOS NOSSOS LEITORES

Pedimos desculpa do nosso jornal sahir esta semana um pouco atrazado, o que foi motivado por se ter escangalhado a composição quando o jornal ia a entrar na machina.

ASSOCIAÇÃO ACADEMICA

Realisou se n'uma das salas do Atheneu Commercial, na noite de sabbado 24 a grande reunião da academia de Lisboa, convocada para n'ella ser discutido o projecto da fundação da associação academica.

A reunião foi immensamente concorrida e pena foi que a sala não pudesse comportar todos aquelles que com verdadeiro interesse desejavam assistir a esta sessão.

Por todas as salas se viam grupos de estudantes discutindo com crescente enthusiasmo a idéa da fundação d'uma collectividade que podesse impor e legalisar todos os direitos da academia, garantindo todos os seus privilegios em bases solidas e racionaes.

Pelas 8 horas da noite foi aberta a sessão assumindo a presidencia o estudante de medecina Affonso Henriques de Sá Teixeira, secretariado pelos estudantes Alves d'Azevedo, da Polytechnica, e Flores, do Instituto de Agronomia e Veterinaria.

O presidente elucidou a assembléa sobre o motivo que os levava ali a reunir, dando a seguir a palavra ao nosso amigo Julio Martins, terceiranista de medicina de quem emanava a iniciativa de tão louvavel emprehendimento.

Julio Martins expõe em phrase facil e insinuante os uteis e vantajosos fins da associação academica, que tinha em vista apresentar e discutir theses scientificas explanadas por professores e alumnos das varias escolas de Lisboa e a idea da fundação d'um theatro e um gymnasio academicos, e relembra mais uma vez os importantes beneficios que poderão advir para a academia se a sua iniciativa frutificar.

A seguir fazem mais uso da palavra os estudantes Luiz Cebola, Hermano Neves que propõe o alvitre de crear uma bibliotheca na associação, Agostinho da Silva que formula a proposta de cada Escola enviar os seus delegados que trabalharão juntamente com a commissão promotora o que deve ser feito quanto antes para se ultimarem os primeiros trabalhos que hão-de constituir as bases da aggremeação. Por ultimo o estudante de medicina Garcia Guedes propõe que a commissão iniciadora começasse já a trabalhar independentemente dos delegados que as escolas haviam de nomear para seus representantes. Esta proposta foi approvada por maioria. Fica tambem resolvido que cada estabelecimento d'instrucção não pode eleger mais que dois alumnos para delegados sendo porém exceptuados aquelles que fazem parte da commissão que convidou a academia para esta assembléa. Antes de proceder ao encerramento da sessão o presidente propõe um voto de louvor a direcção do Atheneu Commercial pela amavel acquiescencia ao pedido feito pelos estudantes promotores da reunião.

Parece pois, que será d'esta ve zque a academia de Lisboa conseguirá a organisação definitiva e regular dos seus elementos, tão valiosos mas tão pouco solidarios n'um mesmo acto de interesse commum e de utilidade collectiva.

PRIMEIRO AMOR

Nunca como então chorára aquella linda creança. N'aquelle momento as lagrimas, que se lhe desprendiam dos olhos de sonhadora expressão para rolarem, borbulhando, lenta e silenciosamente pelas suas faces puras não eram motivadas por qualquer infantil amuo como todas as que até então lhe haviam esculado a epiderme mimosa.

Semilhavam aquellas lagrimas de Maria as crystalinas gotass que se formam depois de chuva meuda sobre as petalas das flores e, partilhado o seu perfume, deslisam por ellas e se desprendem finalmente para se perderem no solo, emquanto as pobres flores se ficam tristes e silenciosas, esperando que o sol sompa o manto de nuvens que o encobre e venha docemente reanimalas.

Assim eram as lagrimas e a tristeza de Maria!

Pouco tempo antes do momento em que a observamos, Maria apenas nos seus sonhos de donzella entrevira confusamente a ventura que nos póde dar o amor. Porém no dia em que tinha encontrado Arnaldo n'uma festa, sob o olhar do mancebo que a fitava amorosamente, o coração estremecera-lhe no peito, agitando-lhe o seio de pomba immaculada.

Depois passada a primeira commoção, que deliciosos momentos decorreram para Maria a quem um mundo novo se mostrava, soberbo de belleza e envolto na doçura do sentimento que mansamente a attrahia para Arnaldo e do olhar d'este cahia em tepida torrente no intimo da sua alma!

Maria foi feliz n'aquelle dia porque é de viva e profunda ventura o dia em que primeiro amamos!

Larga noite já, relia no seu leito de donzella uma longa carta que Arnaldo lhe entregára.

A carta que não transcrevo resumia-se no seu ultimo periodo:

«Sonhei hoje junto de si a suprema ventura. Quer transformar o meu sonho em realidade, dando-me o seu amor?»

Oh! com que alegre meiguice ella lhe diria se Arnaldo estivesse ali:

— Sim, amor, dou-te a ventura que me pedes, porque alcanço tambem assim a minha!

Mas Arnaldo não podia ouvil-a, a noite passava e por fim Maria adormeceu sonhando.

Ao outro dia não podendo conter só na sua alma tão grande felicidade denunciou-a aos seus parentes.

Pobre d'ella, quanto soffreu então.

Arnaldo — oh! ceus — era estudante; e individuo de tal classe é mais temido no seio d'uma familia do que uma fera horrenda, incitada por fome devoradora.

E tanta coisa disseram a Maria que a pobre menina enchendo-se tambem de receio não respondeu a Arnaldo.

Mas soffria a pobre donzella porque o amava e desde então muitas vezes a sua tristeza intima a levava a chorar como no momento em que a vimos.

. . . . . .

Decorreu um anno durante o qual não sei o que se passou.

N'uma tarde serena de setembro na janella proximo da qual se erguia uma alta acacia, Maria fallava com Arnaldo. O mancebo bebia-lhe nas phrases singellas a ternura da sua alma e, acariciando-a com o olhar, beijava-lhe as pequeninas mãos que tremiam entre as suas.

Maria já não chorava, sorria meigamente confiada no amor delle!

5 — 1 — 903.

A. CYRILLO SOARES.

CANTIGAS

Como a luz se não descreve
Aos pobres cegos, tambem
Falar d'amor não se deve
A quem não ama ninguem.

ALVES D'AZEVEDO.

Teus olhos são dois brilhante,
Teu rosto um mimoso engaste.
E os teus sorrisos descantes
Em que a minha alma embalaste,

H. SEVERINO MORAES.

Passaram dias e dias,
Passaram tardes, auroras.
Quando eu chorava tu rias
Agora eu rio e tu choras.

HERMANO NEVES.

Dizem não haver no mundo
Mais funto abysmo que o mar
Mas julgo abysmo-mais fundo
Esse teu profundo olhar.

S. FERREIRA

s de ouro e prata e pedras pre-

77 — LISBOA

SARAU ACADEMICO

Realisa-se brevemente a festa promovida pelos alumnos do 7.º anno do Lyceu.

Ao que nos consta este sarau deve ser esplendido pois que é composto de diversos numeros todos elles de muito valor e grande novidade.

Entre os varios attractivos conta se a representação d'uma engraçadissima revista de assumptos academicos intitulada *Uma quadrilha* que nos dizem ser uma peça cheia de situações d'um comico irresistivel e recheiada de ditos de muito espirito.

Os briosos rapazes vão pois dar-nos mais uma noite d'alegria scintillante e communicativa que nos deve deixar sempre saudosas recordações.

Este espectacule alem de representar uma festa de despedida tem tambem um fim de apreciavel altruismo pois parte do producto do sarau constituirá um donativo offerecido á grande commissão de S. Miguel organisada para erigir uma estatua ao notavel poeta Anthero do Quental, na terra que foi seu berço.

Mais uma vez a mocidade estudiosa allia a um festival de sua iniciativa um fim generoso, prestando a sua valiosa cooperação para a commemoração honrosa de um dos grandes vultos da intellectualidade portugueza.

O THEATRO MODERNO

ORIGENS

(ESTUDO HISTORICO LITTERARIO)

(Continuação)

II

Analysada tão succintamente quanto possivel a poderosa influencia que os costumes e tradições do paganismo romano exerceram na litteratura dramatica, examinemos tambem rapidamente a sua progressiva evolução atravez a edade media e os factos comprovativos da sua existencia real em todas as epocas medievaes até chegar a attingir a perfeição esthetica e inimitavel nas obras classicas de Corneille, Racine, Lope de Vega e Shakspeare.

Citam-se, não tanto como provas fundamentaes mas mais como exemplos curiosos, um grande numero de composições tragicas encontradas depois dos Romanos e antes do seculo XIII, entre as quaes avultam o *Querolus* de Plauto, a *Clytemnestra* grega e ainda a *Medêa* citada por Tertulliano.

O genio dramatico, com effeito, perpetuou-se sempre por todos os seculos medievaes nos agapes, nos dialogos funerarios que se faziam sobre os tumulos dos sacerdotes, nos dramas lithurgicos dos templos e cortejos sagrados, nos *entremets* e *jeux partis* dos banquetes feudaes e em tantas outras formas dramaticas que constituem por assim dizer os elos colossaes d'uma cadeia gigantesca que liga n'uma continuidade secular as mais remotas e nebulosas tradições do mundo antigo ás primitivas expontaneidades da civilisação moderna.

Esbocemos ligeiramente em que consistiam os agapes, os *entremets* e *jeux-partis* de notavel importancia historica e litteraria.

Os agapes eram banquetes solemnes que os primeiros christãos realisavam nas catacumbas e foram instituidas com o fim de commemorar o anniversario de um martyr do Christianismo.

Symbolisavam a ceia de Jesus com os discipulos e constituiam uma interpretação sagrada e festiva da egualdade e fraternidade evangelicas. Foram prohibidos pelo concilio de Carthago, em virtude da campanha levantada pelos pagãos contra elles, apresentando-os como pretextos para os christãos se entregarem a orgias e libertinagens; não obstante esta accusação não ser absolutamente verdadeira, é comtudo facto que taes banquetes a principio de caracter sobrio e austero se foram corrompendo com o decorrer dos tempos.

Os senhores do feudalismo tinham por uso, quando offereciam festins aos seus convidados, divertil-os com a representação de peças dramaticas, durante as refeições. Estes espectaculos intercalados entre os diversos serviços dos banquetes feudaes eram denominados *entremets*, origem das peças mais tarde conhecidas com o nome de *intermedios*.

As aventuras galantes e cavalheirescas serviram de thema a certas composições poeticas dialogadas que os trovadores empregavam e que foram chamados *jeux partis*.

Emfim todos estes importantes e singulares elementos fornecem os dados e argumentos necessarios e solidos para podermos determinar as origens do theatro moderno.

Podemos estabelecer, primeiramente duas causas bem distinctas n'estas origens, e tão amplas que cada uma d'ellas abrange um periodo de seculos: a tradição, isto é, o patrimonio legado pelas gerações antigas, principalmente gregas e romanas, a herança historica dos seus costumes e habitos, o espolio litterario dos seus illustres poetas, e a expontaneidade synthetisada nas festividades e obras litterarias da edade media, tanto as de caracter mystico e religioso como as de feição heroica ou popular.

(*Continúa*).

VICTOR MENDES.

PSALMOS

Não ha em toda a floresta uma unica arvore que não conheça o teu nome porque o repito constantemente quando tenho por unica confidente a naturesa!

*

Não ha em todo o lago uma unica gotta de agua que não te visse em sonhos porque quando eu remo canto e o meu canto falla sempre de ti!

*

Não ha, entre todas as estrellas uma unica que não saiba o brilho dos teus olhos porque muitas veses o comparo ao d'ellas!

*

E acariciadas pelo vento as arvores seculares repetem o nome que eu lhes ensinei!

*

A vaga ao espreiar se murmura os seus hymnos e dirige-os para ti!

*

E as estrellas sorriem-te a tremer!

JORGE DE CASTILHO.

THEATROS E CIRCOS

Principe Real

A revista *N'um sino*, original de Baptista Diniz continua a dar successivas enchentes ao theatro Principe Real o que não é para admirar, pois que a esplendida peça, já de si impagavel de veia comica, tem um desempenho magnifico e está luxuosamente posta em scena.

Mercedes Blasco interpreta admiravelmente com toda a sua graciosidade e desenvoltura os papeis mais importantes da revista e todos os outros interpretes concorrem brilhantemente para o grande successo que tem tido desde a primeira representação.

Colyseu dos Recreios

N'esta bella casa de espectaculos todas as noites são interminaveis as ovações ás diversas novidades e attracções da companhia que dia a dia vae grangeando maior celebridade.

Na semana finda estreiaram se os macacos gymnastas que agradaram immenso pela extraordinaria agilidade e perfeição dos seus difficeis e curiosos trabalhos, constituindo mais um attractivo digno de admirar-se entre tantos outros que compõem a grande companhia do Colyseu.

CHRONICA SCIENTIFICA

Os gazogeneos Riché e suas applicações

Ao ter sido convidado pela direcção do *Academico* a escrever alguma cousa para esta chronica resolvi fazer umas referencias ainda que muito rudimentares sobre os gazogeneos Riché de cujo estudo me tenho occupado ultimamente nas minhas poucas horas de ocio.

Foi M. Riché, engenheiro civil francez e repetidor na *E'cole centrale* que, tomando por base os estudos já feitos sobre os gazes de madeira, resolveu dar um grande impulso á producção d'esses gazes e bem assim de estudar os meios que podessem produzir gazes mais economicos do que o denominado *gaz illuminante* ou *gaz de hulha*. As experiencias de Lébon em 1798 não foram felizes, visto o gaz que elle obteve dar uma chamma muito fuliginosa e pouco illuminante. Em 1869, M. Pettenkoffer de Munich, conseguiu produzir, por meio de uma carbonização rapida da madeira a uma alta temperatura, um gaz cuja chamma tinha uma intensidade luminosa sensivelmente egual a $\frac{6}{5}$ da que se obtinha com o gaz proveniente da distillação da hulha (gaz illuminante).

O preço elevado do gaz proveniente da distillação da hulha foi durante muitos annos um serio obstaculo para a applicação aos motores a gaz, fazendo então a estes muita concorrencia o motor a vapôr.

Esse preço elevado por que em geral sae o gaz da hulha é certamente devido aos encargos onerosos que pezam sobre as companhias productoras de gaz, taes como os impostos directos e indirectos, porém a descoberta dos processos de producção dos gazes denominados *gazes pobres* permittindo ao industrial fabricar elle proprio um gaz de bôa qualidade que, comquanto não seja proprio para illuminação, visto ser pouco rico em carbono, serve comtudo para numerosas applicações, taes como o ser agente primordial nos motores da gaz.

Assim os gazogeneos *Damson* dão um quatro vezes menos rico que o gaz da hulha, mas é comtudo seis a dez vezes menos caro que aquelle.

Seria fastidioso aqui n'uma simples noticia mencionar todas as experiencias que levaram M. Riché a construir apparelhos que podessem produzir um *gaz pobre*, que tem este nome por ser pouco carbonado, facil de se obter já pela simplicidade dos apparelhos, já pela materia prima que póde ser variadissima, tanto que M. Richó na sua officina de Lisors conseguiu obter :

1.000^{m3}	de gaz	com	1.000^{kg} de turfa
53^{m3}	»	»	53^{kg} de atanado (couro)
127^{m3}	»	»	100^{kg} de serradura de madeira
50^{m3}	»	»	100^{kg} desperdicios d'algodão.
22,^{m3}850	»	»	31^{kg} de papel.
15^{m3}	»	»	11^{kg} de intestinos de boi
4,^{m3}300	»	e	um coelho pesando 2,^{kg}800.

Vê-se por este quadro quanto é complexa a materia prima a empregar, deduzindo-se pois que com qualquer objecto se pode produzir gaz.

E conforme a materia prima a empregar aosim o apparelho sobre ligeiras modificações.

Apesar d'essas modificações podem-se reunir em 3 categorias todos os apparelhos que se utilisam na producção dos gazes pobres :

1.° — Apparelhos distillatorios analogos aos do gaz de hulha.

2.° Apparelhos de combustão.

3.° — Apparelhos de fabricação de gaz d'agua.

Os apparelhos de combustão tendem a aperfeiçoar-se, attendendo ao preço elevado dos combustiveis necessarios ao seu bom funccionamento.

(*continua*).

EDUARDO A. RAMOS DA COSTA.

AMOR

No scintillar das estrellas.
Na luz pallida da lua,
No canto das philomelas,
Na barquinha que fluctua
Além nas vagas do mar...
Na nuvem d'arminho e neve,
Na lagrima da saudade,
Na brisa que passa leve
No azul d'immensidade
P'ra seu frescor nos vir dar ..
No desfallecer do sol,
No desabrochar do dia,
No canto do rouxinol,
No toque d Ave-Maria
E no aroma da flôr...
O que é que lemos ? — Amor !...

ILLIDIO FERREIRA
(Julio do Valle)

(D'um livro em preparação)

OS QUE NÃO DEVIAM VIVER

Noite fria de dezembro !

A luz d'uma candeia pendente d'uma trave carunchosa alumia duas cabecitas loiras.

As palpebras azuladas da mais velha, a sua palidêz, dizem todas as privações, todo o soffrimento d'uma alma sem força ainda para lhes resistir.

A mais nova-rosada, fresca, adormecida tambem, mostra que não tem a alma bastante desenvolvida para perceber o soffrimento.

O seu organismo pouco exigente ainda, não se revolta contra a maior das privações : a Fome !

Sosinhas !

O pai perseguido, anda fugido á muito tempo. Talvez nem mesmo conheça esses dois anjos loiros, seus filhos.

A mãe anda mendigando pão, para dar conforto áquelles a quem deu o ser.

E as criancitas dormem !

. . .

Noite fria de dezembro !

A porta gira nas gonzos ferrugentos, e o ruido que faz lembra o silvo da serpente.

Uns andrajos com forma de mulher.

A mãe ! A martir !

E a luz bruxoleante da candeia põe um reflexos vermelhos n'aquella fronte cavada pelo soffrimento, como que a mascarar-lhe a lívida palidêz.

Aproxima-se das crianças beija-lhes as cabecitas loiras e lagrimas ardentes lagrimas de verdadeiro soffrimento cahem-lhe pelas faces ; e uma d'essas lagrimas, uma gota d'esse piedoso orvalho, cahe na fronte da mais velha.

A criancita abre os olhos que parecem feitos d'uma nesga do ceu, sorri e torna a cerral-os balbuciando :

— Mãe, tenho fome !

E as crianças continuam dormindo.

. . .

Noite fria de dezembro !

A porta range de novo nos gonzos ferrugentos.

Um homem de estatura vigorosa.

O Pai ! morto de saudades, aquelle que roubara para não vêr morrer de fome os parentes mais queridos.

A mulhor reconhece-o e cahe-lhe nos braços solluçando o seu olhar é uma interrogação.

N'um gesto aponta lhe as cabecitas loiras, e elle soltando-se-lhe dos braços corre para ellas e cobreas de beijos.

Não as acordes. Dormem tão bem.

Dize ! Ainda te perseguem ?

Não sei, morria se os não visse : esses dois anjos, que as nossas almas produziram : Os nossos filhos !

Mas não receias...

Agora ? Agora só receios que m'os levem.

E as criancitas continuavam dormindo.

. . .

Noite fria de dezembro !

A porta abre-se com violencia.

Três homens.

Olham em roda ; vêem as cabecitas loiras e não têm um fremito de compaixão.

Até que emfim !

Eras procurado há muito tempo.

Roubaste ! Estás preso ! Vem !

O homem segue os cabisbaixo e ao sahir a porta, olha pela ultima vês para as cabecitas loiras.

E as criancinhas dormem.

Noite fria de dezembro !

A mulher a chorar debruçada sobre as cabecitas loiras, vae recordando um a um, todos os sonhos de amor d'uma mocidade que envelheceu á força de soffrer.

E as criancitas continuam dormindo.

D. THOMAZ D'ALMEIDA.

CANTANDO

Era á tarde. Era ao sol posto.
Caminhava a cantadeira,
Mas era triste o seu rosto ;
Cantava, mas a toada,
Tão sentida e verdadeira,
Dir-se-hia magoada.

N'um dos lados do caminho
Sobre um tronco secular
Entrou um melro a cantar,
Pousado junto do ninho.

E cantava a cantadeira :

Noites brancas de luar,
Como a flôr da larangeira,
Voltae hoje a recordar
Dias de esperança fagueira,
Todos cheios de sonhar !...
Saudade na vida inteira,
Noites brancas de luar
Como a flôr da larangeira !

Brancas noites de luar
Passadas junto de ti,
Vinde-me hoje contar
Quanto amei, quanto soffri !
Se fui feliz em sonhar
Quando feliz eu te vi,
E tão triste o despertar
No dia em que te perdi !
No peito nasce o amor
Como nas trigaes a espiga,
Em qualquer parte uma flôr !
Mas nunca, nunca se diga
Que morre no peito a dôr
Como nas trigaes a espiga,
Em qualquer parte uma flôr !
Oh nunca, nunca se diga !

. . . . . .
. . . . . .

Nas faces da cantadeira
Duas lagrimas ardentes
Feitas de dôr e de luz,
Lhes deslizavão dormentes,
Como em folha de roseira
Gotta d'orvalho que luz !

E no ceu de azul dourado,
Azul como os olhos d'ella,
O sol ao ter se apagado
Ia accendendo uma estrella !

Janeiro de 1903.

F. V. CELESTINO SOARES.

Do livro em preparação *Desfolhando uma Saudade.*

ENCYCLOPEDIA DAS FAMILIAS
Revista illustrada de instrucção e recreio
Condições de assignatura (PAGAMENTO ADIANTADO)
Cada anno ou 12 numeros..... 800 réis
Numero avulso..... 100 »
Envia-se um numero specimen a quem o requisitar ao escripto io da
EMPREZA EDITORA LUCAS-FILHOS
93—Rua Diario de Noticias—Lisboa

FOLHETIM D'«O ACADEMICO»

LAR EM RUINAS...

(CONTO)

A loirita largára o canto n'um delirar de palmas e de beijos, e só o piano se ouvia então, a soluçar uma valsa, ligeira, suave...

Os homens movimentaram-se á procura de pares, e a Emilia, sentada já, viu desapparecêr a amiga nos braços d'um homem. Seguia-a attenta n'aquelle turbilhão de sáias, vendo-a occultar-se com os outros pares, muito contente, corada, feliz...

Seguia a com os olhos, quando junto d'ella uma voz :

— A menina não dansa ?

— Eu ?!

Ficára estarrecida e tôdo o sangue lhe affluiu ao rôsto.

— Eu ?! repetira.

E ia talvez dizer um «não», envergonhada, quando elle, imperiôso, estendendo-lhe a mão :

— Esta polka, não negue... sim ?

E agarrara-a, levara a inconsciente, sentindo-se morrer n'aquelles braços onde tremia como um vime á beira d'um riacho. No turbilhão da polka as ideias confundiam-se, voava... Sentia-se longe ; ia sonhando n'um casto desenrolar de fantasias loucas. . Era aquelle o homem que a amava, que a queria, e ella arrastava-se com elle, deixava se ir nas azas do amor para muito alto, té tocar as nuvens que via côr de rosa da janella do seu quarto. Parecia-lhe agora que todas as flores que conhecia dos jardins rosas crisantemos, papoulas escarlates, a coroavam, e, que elle, depondo-a cançada no sofá, a beijava, nos olhos, na bôcca, no collo... o mau !...

Sentiu-se porém longe do sonho á voz d'elle :

— A menina é tão levesinha...

— Sou. O pae lá em casa chama-me ás vezes arveola.

E sorrira cançada, n'um arfar de seio.

A polka continuava e ella meia recostada no braço d'elle, ouvia-a attenta os olhos a fulgurarem promessas d'uma dedicação infinita.

— Então não me diz o seu nome ?

E era elle que apertando-lhe a cinta delgada lhe fazía aquella pergunta. Por isso ella, sorrindo, e com brevidade :

— Tenho um nome tão feio, sabe ? Chamo-me Emilia...

— Emilia ? ! Mas é um lindo nome... E como acabava a polka elle levou-a delicadamente a sental-a n'uma cadeira. Depois :

— Passei em não querer outro par... Fiz mal ?

— Não, não fez...

E a Emilia apertou lhe a mão que elle estendera. Depois vendo-o afastar, ficara o mirando. Achava-o perfeito ; parecia-lhe tão delicado. E n'aquelle momento pareceu lhe que o coração era cumprimido suavemente, muito suavemente até deixal-a triste sem ver de quê...

Depois do baile saiu do *club* com a amiga. Virando-se á porta, antes de pisar o lagedo da rua, deu com os olhos n'elle. Seguiu-a a mover a bengalla com a mão.

Ao pé da casa d'ella, elle parou. Viu-o encostado a uma esquina enquanto se despedia da amiga, entre muitos beijos.

Sentia se contente, porisso, voltando-se para a Mercêdes :

— O que hei de agora fazer, sabes ?

Chega á janella e vê o que elle te diz... Depois, fallando alto :

— Adeus. Emilia. Dá recados á tua mamã...

Galgou as escadas, apressada, afflita, e quando depois de lhe fallar, se metteu no quarto, caiu sobre o leito a rir a rir.

Sentia se feliz, e quando se deitou, revolveu se no roupa. Um peso enorme esmagava-o no seio que tinha crispações de revolta. Não poude dormir, e quando quiz resar, como dantes, não resou. Suffocava. Pensava n'elle, n'aquelle homem que a tivera nos braços.

(*Continúa.*)

JOSÉ VALDEZ.

COSTA, FERRAZ & C.ta

GRANDE casa de tecidos e confecções para senhoras

55, 57 — RUA DO CARMO — 59 E 61

SALÃO DE MODAS
DE
Eugenia Augusta Montanha

73 A 77-R. DA ESCOLA POLYTECHNICA-73 A 77
LISBOA
Chapeus, vestidos e confecções

Fazem-se enxovaes para noivas, Artigos de retrozeiro. Modernizam-se chapeus em renda, veludo, palha e feltro. Frizam-se e tingem-se plumas. Vendem-se moldes. Tomam-se encommendas para qualquer ponto do paiz.

TABACARIA MARQUES

152 - Rua Aurea - 152
LISBOA

Grande sortimento de tabacos nacionaes e estrangeiros. Boquilhas e cachimbos d'ambar e espuma. Boquilhas hygienicas MARQUES. Figurinos, jornaes e illustrações portuguezas e estrangeiras.

CAFÉ
DA
Antiga Casa Costa
Rua da Escola Polytechnica — 95 a 99

O café d'esta caza, não precisa de reclames, visto que é bem conhecido do publico pela sua excellencia. O seu proprietario annuncia para commodidade dos seus freguezes e do publico, que manda aos domicilios e a quem requisitar por postal, quantidades não inferiores a 500 grammas.

Preço 640 a 720 rs.

NETTOYAGE Á SEC

Limpam-se, lavam-se e tingem-se fatos de todas as qualidades sem desmanchar e tiram-se nodoas, especialista em limpar luvas a vapor. Concertam-se leques, bonecas, louças, vidros e differentes bijouterias.

A. Henrique
101 — RUA DO OURO — 101
LISBOA

VIGIA

CAFÉ E BILHARES
AVENIDA DA LIBERDADE

TABACARIA L'aurorE
DE
I. P. FERNANDES

84 - Rua da Escola Polytechnica - 84
(A S. MAMEDE)

Tabacos nacionaes e estrangeiros, boquilhas, cigarreiras, tabaqueiras, e outros artigos,

Toma-se encommenda de calçado de todas as qualidades, e garante-se o bom acabamento, e preços os mais modicos.

CASA DE EMPRESTIMOS SOBRE PE HORES

Devidamente auctorisada e segura nas principaes companhias

ROBERTO & OLIVEIRA
44 r/c — P. das Flores — 44 r/c
LISBOA

Emprestimos a juro convencional

Sobre objectos de ouro, prata, relogios, brilhantes e mais pedras preciosas, papeis de credito, pianos, mobilia, louça, roupas e quaesquer outros artigos que offereçam garantia de facil realisação, havendo magnificas accommodações para todos os objectos.

J. VILLAS BOAS
MEDICO

Especialista em doenças de senhoras
Praça Luiz de Camões

ALFAYATERIA CONFIANÇA

101 - Rua dos Fanqueiros - 1.°

DIRIGIDA POR
A. CARDOSO
Ex-contra mestre da CASA NUNES CORREIA

Participa aos seus amigos e conhecidos que se acha habilitado para os poder servir nas melhores condições, tanto em preços como em perfeição, para isso se acha montado este estabelecimento para poder executar toda a qualidade de obra, tanto para homem como para senhora e creanças, e com especialidade obra á militar, pois que ha pouco quem a execute.

GRANDE ALFAYATERIA
DA
POLYTECHNICA

Liquidação de fatos e casimiras da presente estação

FATOS quasi de graça

Fatos de 3$000 réis até 30$000 réis. Perfeito acabamento e forros á escolha do freguez. Todas as fazendas são molhadas. Fornecem-se amostras a quem as requisitar. Fatos para luto feitos em 10 horas. Fatos para os empregados da Companhia Real. Esta casa abre aos domingos.

Rua da Escola Polytechnica
65, 67, 69 e 71

O PROPRIETARIO
A. S. Frazão.

PAPELARIA PALHARES

141 - RUA DO OURO - 143
LISBOA

Typographia e Lithographia a vapor. Papeis de phantasia e artigos de novidade para brindes. Deposito exclusivo do papel *Rainha D. Amelia* (papel da moda). Vendas por atacado e a retalho. Retratos a crayon. Letras de cobre e esmaltadas.

Fanqueiro, Retrozeiro e Modas
ALVARO COSTA & CARVALHO

Especialidade em camisaria e gravataria. Meias e espartilhos. Leques, passamanterias e rendas. Tecidos de novidade em seda, lã e algodão.

89 - R. da Escola Polytechnica - 91
LISBOA

A. ABREU

ANTIGA CASA VIUVA SOARES & FILHO

57 - RUA DO OURO - 59

Completas novidades em joelheria e ourivesaria

Affonso de Pinho & Coelho da Silva

CASA DE NOVIDADES

145 a 249-R. DO OURO-145 a 149
LISBOA

Objectos para brindes, sempre as ultimas novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Vianna e Berlim. Marcas para cotillon e diversos artigos.

Luvaria — Brinquedos — Chromos para boas festas — Corôas e flores.

Contra as escrophulas, rachitismo, tuberculose pulmonar, debilidade geral, etc.

Vinho de extracto de figados de bacalhau, de Alberto Veiga, PHARMACEUTICO.

Este producto não tem o menor cheiro ou sabor do oleo de figados de bacalhau embora possua todas as propriedades d'este bello agente. E' preparado com excellente vinho do Porto. Toma-se aos calices na occasião da sobremeza. Garrafa, 1$000 réis.

Contra as tosses

Bronchites e outras doenças de peito
Remedio efficaz

Xarope de chlorhydro phosphato de cal com guaiacol, de Alberto Veiga, PHARMACEUTICO.

Frasco 800 réis

Molestias de pelle

As feridas, impigens, etc., curam-se depressa com a pomada de salicylato de chumbo composto, de A. Veiga, pharmaceutico. Caixa 120 réis, pelo cerreio, 130 réis.

Doenças secretas

As Capsulas d'essencia de sandalo citrino, de Alberto Veiga, pharmacentico, curam rapidamente as blennorrhagias (purgações) e catarrho de bexiga. Frasco 500 réis. pelo correio 550. O seu uso é inoffensivo, e um só frasco é sufficiente muitas vezes para obter a cura. Depositos: Coimbra, pharmacia Rodrigues da Silva, Calçada, 28; Porto, pharmacia dr. Moreno, S. Domingos, 44; Lisboa, pharmacia Alberto Veiga, 42, rua dos Retrozeiros.

JOÃO CANONGIA
Joalheiro

Variado sortimento em objectos de ouro e prata e pedras preciosas.

277, Rua Aurea, 277 — LISBOA

COSTA RODRIGUES
Medico-Cirurgião

Tratamento das doenças de bocca, collocação de dentes pelos processos mais aperfeiçoados.

Praça Luiz de Camões — LISBOA